

DEVIR MULHER, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: APROXIMAÇÕES ENTRE DELEUZE & GUATTARI E PIERRE BOURDIEU SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS CORPOS

BECOMING-WOMAN, SEXUALITY AND SUBJECTIVITY: PROXIMITIES BETWEEN DELEUZE & GUATTARI AND PIERRE BOURDIEU ON THE SOCIAL CONSTRUCTION OF BODIES

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p101-108

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a construção social dos corpos enquanto esquemas de percepção, de pensamento e de ação à custa da acentuação de certas diferenças e do obscurecimento de certas semelhanças entre homens e mulheres. A questão que permeia este artigo é, primeiramente, diagnosticar os discursos que consolidam uma sexualidade e uma subjetividade dominantes entre homens e mulheres a partir de uma construção social falologocêntrica dos corpos à luz da teoria social do poder simbólico de Pierre Bourdieu. Em seguida, propomos pensar como a filosofia de Deleuze & Guattari pode tomar parte no interior desta discussão na medida em que propõe a noção de devir-mulher como chave para o aniquilamento do pensamento dualista e a transformação do que somos, enquanto devir-revolucionário, e para a criação de novos modos de existência.

Palavras-chave: Corpo. Sexualidade. Devir-Mulher. Pierre Bourdieu. Gilles Deleuze. Felix Guattari.

Abstract

This article aims to discuss the social construction of bodies as schemes of perception, thought and action at the expense of the accentuation of certain differences and obfuscation certain similarities between men and women. The question that permeates this work is to first diagnose the discourses that consolidate a sexuality and a dominant subjectivity of men and women from a falologocentric social construction of bodies in the perspective of Pierre Bourdieu's social theory of symbolic power. Then we propose to think in which way the philosophy of Deleuze & Guattari can take part within this discussion, so far as they propose the notion of becoming-woman as a key to the annihilation of dualistic thinking and to the transformation of who we are, while becoming-revolutionary, and the creation of new modes of existence.

Keywords: Body. Sexuality. Becoming-Woman. Pierre Bourdieu. Gilles Deleuze. Felix Guattari.

Rose Marie Santini

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Escola de Comunicação da UFRJ.
E-mail: marie.santini@eco.ufrj.br

Joana Camelier

Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Psicologia na UFF.
E-mail: joanacamelier@gmail.com

Introdução

Judith Butler inicia seu livro “The psychic life of power: theories in subjection” afirmando que “enquanto forma de poder, a sujeição é paradoxal.” (BUTLER, 1997: 1). Butler chama atenção para o fato de que estamos acostumados a pensar o poder como algo que pressiona o sujeito “de fora”, o que não deixa de ser verdade. Mas argumenta que se, após Foucault, entendemos o poder também como formador do sujeito, como aquilo que proporciona a própria condição de sua existência e a trajetória de seu desejo, então o poder não é apenas o que nos opõe, mas também, em um sentido estrito, aquilo que internalizamos e aceitamos para constituir-nos enquanto sujeito. Portanto, a sujeição consiste precisamente na dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas, paradoxalmente, iniciamos e sustentamos seu agenciamento.

Segundo Foucault (2004), a “sujeição” se refere ao processo de se tornar subordinado ao poder e, ao mesmo tempo, ao processo de se tornar um sujeito. Neste caso, o poder que primeiramente aparece como algo exterior, que pressiona o sujeito a sua subordinação, assume uma forma psíquica que irá constituir a própria identidade subjetiva e histórica.

Diante deste enquadramento, a questão que permeia este artigo é, na primeira parte, diagnosticar os discursos que consolidam uma sexualidade e uma subjetividade dominante entre homens e mulheres a partir de uma construção social falococêntrica dos corpos à luz da teoria social do poder simbólico de Pierre Bourdieu. Na segunda parte, propomos pensar como a filosofia de Deleuze & Guattari pode tomar parte no interior desta discussão na medida em que propõe a noção de devir-mulher como chave para a transformação do que somos, enquanto devir-revolucionário, e para a criação de novos modos de existência.

A construção social dos corpos: sexualidade e subjetividade em jogo

Pierre Bourdieu (2007) se aproxima de Butler (2007) e Foucault (2004) ao conceber a dominação masculina, o modo como esta é imposta e vivenciada, como o exemplo por excelência do paradoxo da submissão mencionada anteriormente. Bourdieu denomina como “submissão paradoxal” a violência simbólica - violência suave, naturalizada, invisível, insensível às suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente do desconhecimento e do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. Bourdieu se pergunta: 1) como a ordem estabelecida e os valores dominantes - com suas relações de dominação, seus direitos e imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos

acidentes históricos - perpetua-se tão facilmente; e 2) como as condições de existência das mais intoleráveis podem permanentemente ser vistas como aceitáveis e principalmente naturais?

O autor parte da ideia de que é a naturalização de uma construção social androcêntrica de significação, sentido e valor que nos conduz à associação das condições anatômicas às condições subjetivas. Para Pierre Bourdieu (2007), a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, é produto de uma construção que remete a esquemas de percepção, de pensamento e de ação às custas da acentuação de certas diferenças e do obscurecimento de certas semelhanças entre homens e mulheres. Por um lado, as diferenças entre masculino e feminino, que possuem como ponto de partida as distinções biológicas e anatômicas entre os corpos, são comumente vistas como justificativa “natural” das desigualdades socialmente construídas entre os gêneros, especialmente na divisão social do trabalho.

Assim, os anatomistas reforçam um discurso moralista ao buscar no corpo da mulher uma razão do estatuto social que lhe é imposto, apelando para oposições tradicionais entre o interior e o exterior, a sensibilidade e a razão, a passividade e a atividade, em uma relação circular que transforma a diferença em desigualdade, inscrita em uma objetividade que “necessariamente” remete à subjetividade. Por outro lado, considerar a mulher como igual ao homem - argumento presente nos discursos feministas - indica a imposição do masculino como medida das coisas, o que certamente implica em avanços no campo do direito civil. Entretanto, permanece a dominação simbólica no âmbito da sexualidade, lugar privilegiado para a incorporação e reprodução das relações de dominação física, econômica, social e política.

Colocar-se esta questão é indispensável para quebrar a relação de enganosa familiaridade que nos liga à estrutura do pensamento ocidental, que se baseia nas aparências biológicas e seus efeitos através de um longo trabalho coletivo de “socialização do biológico” e de “biologização do social” para produzir nos corpos e nas mentes uma construção social naturalizada dos gêneros.

Como homem e como mulher, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina. Portanto, pensar a dominação masculina é dar-se conta de modos de pensamento que são eles próprios produtos da dominação. Significa dizer que a divisão entre os sexos permanece “na ordem das coisas” - como se diz por vezes do que é normal e natural, a ponto de ser inevitável - e termina funcionando enquanto estrutura cognitiva e estrutura objetiva de ação.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica, que dá forma à sexualidade e à subjetividade dominante, impõe-se como neutra e não tem necessidade de enunciar discursos

que visem legitimá-la. O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante de valores. Por exemplo, a representação da vagina como um falo invertido (que vigorou até o Renascimento) obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, o superior e o inferior, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida das coisas.

Esta percepção social incorporada aplica-se a todas as coisas e, antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é a partir dele que constrói o significado da diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e feminino, e principalmente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, que pode ser vista assim como justificativa natural da diferença socialmente construída dos gêneros e, principalmente, dos aprisionamentos psíquicos e corporais que engendram. Este princípio de percepção que constrói a diferença anatômica se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que o alicerça. Assim caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência das relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade e na subjetividade, no corpo e nas formas de pensar e sentir.

A virilidade, em seu aspecto ético, isto é, enquanto essência do virtus, questão de honra, princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual que são esperadas de um homem “que seja realmente homem”. Compreende-se assim que o falo, sempre presente metaforicamente, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. Em contrapartida, os esquemas de percepção dos órgãos sexuais implicam em uma delimitação de fronteira no corpo da mulher, que é a cintura, signo de clausura e limite simbólico entre o puro e o impuro (aquela que mantém sua cintura fechada é considerada casta, e aquela que “solta a cintura” em seus movimentos é vulgar). A cintura simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente construída em objeto sagrado, portanto submetida a regras estritas de sociabilidade e de acesso, que determinam muito rigorosamente as condições de contato - isto é, os agentes, os momentos e os atos legítimos e não legítimos (profanos).

Tais regras podem ser observadas quando um médico do sexo masculino tem que praticar o exame vaginal. Como se tratasse de neutralizar simbólica e praticamente todas as conotações potencialmente sexuais do exame ginecológico, o médico se submete a um verdadeiro ritual através de panos brancos no colo e na barriga da mulher, visando manter a barreira, simbolizada pela cintura, entre a pessoa pública e a vagina, que não devem ser vistas simultaneamente.

Talvez pelo mesmo motivo a prostituição, que é histórica e majoritariamente de mulheres, continua

estigmatizada em todo o mundo. O seu estatuto jurídico varia de região para região, porém é uma profissão ilegal na maioria dos países. Por um lado porque a vagina continua a ser constituída como segredo e tabu, tratada como sagrada, o que faz com que o comércio de sexo represente um modo de perversão, pois o que é sagrado não pode ter um equivalente numérico (em dinheiro). Neste sentido, “o dinheiro é parte integrante do modo representativo de perversão” (KLOSSOWISKI, 1974: 59). Nos países em que é ilícita - como nos EUA, na maioria das nações da Europa Oriental, do Oriente Médio, da África e da Ásia, com poucas exceções¹ - tanto a moral quanto o Direito exclui a possibilidade de uma mulher escolher dedicar-se à prostituição como um trabalho.

Por outro lado, o exercício do poder masculino incide sobre o corpo da mulher na medida em que seu corpo deva ser sempre doado, em um ato de oferta gratuita, que supõe a suspensão da força física para alcançar o gozo masculino. Pierre Klossowski (1959: 102) nos desafia a uma reflexão subversiva ao dizer que “Sade prova exatamente que a noção de valor e de preço está inscrita no fundo mesmo da emoção voluptuosa e que nada é mais contrário ao gozo que a gratuidade”.

Assistimos assim à naturalização de um ritual socialmente construído no qual o ato sexual deva sempre ser iniciado a partir do desejo sexual do homem ou em função deste, sendo o gozo da mulher subordinado ao primeiro. Desse modo, o gozo não se constitui de imediato como troca genuína ou como “objeto de troca”, mas primeiro como sujeição. O ato sexual é pensado em função do princípio primado do prazer masculino, que deve por si só poder fazê-la gozar. Diante desta perspectiva, Catharine MacKinnon (1987: 58) vê na “simulação do orgasmo” feminino uma comprovação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos se dê de acordo com a visão dos homens, que esperam do organismo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por essa forma suprema de poder.

É igualmente através da divisão sexual dos usos legítimos dos corpos que se estabelece o vínculo (enunciado pela psicanálise) entre o falo e o logos: os usos públicos e ativos do corpo são monopólio dos homens (falocentrismo). Um caso ilustrativo deste argumento de Bourdieu ocorreu em São Paulo. Segundo divulgado pelo portal de notícias das Organizações Globo chamado G12, no dia 04 de abril de 2014, a Polícia Civil apurava a possibilidade de estupro após fotos compartilhadas via

¹ Ver gráfico sobre “Prostitution Laws of the World”. Publicado em 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Prostitution_laws_of_the_world.PNG. Acesso em: 26 fev. 2015.

² G1. Jovem nega estupro e polícia vai apurar divulgação de fotos de sexo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/04/jovem-nega-estupro-e-policia-vai-apurar-divulgacao-de-fotos-de-sexo.html>. Publicado em 04 de abril de 2014. Acesso em: 10 abr. 2014.

WhatsApp³ serem divulgadas na Internet. As imagens mostram uma garota nua ao lado de cinco homens, aparentemente durante e após a relação sexual, alguns deles alunos da Universidade Mackenzie, na região central da capital.

Após as fotos se espalharem pela Internet, foi instaurado um inquérito policial para apurar a responsabilidade criminal de um suposto abuso sexual. Segundo o jornal, direta e firme em sua resposta, a estudante de 19 anos afirmou em entrevista ao G1 por telefone que não foi violentada por um grupo de universitários. Na entrevista, a estudante disse que tinha um relacionamento com um dos rapazes que aparece nas fotos e contou ter o desejo de ter relação grupal. A jovem permitiu as fotos, mas não a divulgação. Ela declarou que não se arrependeu de ter feito sexo grupal, mas sim de ter aceitado tirar as fotos. De acordo com a reportagem, a jovem contou ainda ter sido procurada por uma liga feminista preocupada com as cenas de sexo e a possibilidade de abuso:

Descobriram meu e-mail pessoal, presumiram já um monte de coisa, falaram que iam expulsar os meninos da faculdade, e eu não sabia o que estava acontecendo. Falei com elas que foi extremamente machista elas presumirem que aquele tipo de foto consideram estupro. Normalmente o feminismo consiste em que a mulher possa fazer o que ela quer⁴.

Apesar da declaração da mulher ao delegado pelo telefone de que “não aconteceu estupro, foi consentido sim”, os policiais estiveram na Universidade Mackenzie e localizaram os cinco rapazes que, em conversa informal com os investigadores, se defenderam da suspeita de estupro, negaram ter violentado a mulher e confirmaram que o sexo foi consensual. Eles, no entanto, tiveram que comparecer à delegacia no dia seguinte para prestar esclarecimentos e irão responder um processo por divulgação sem autorização das imagens e crime contra a honra e a dignidade. A Universidade também se manifestou a favor da abertura do inquérito policial.

Diante deste caso, nos perguntamos: qual a possibilidade de um homem ter relação sexual simultânea com outras cinco mulheres e estas, ao divulgarem as fotos do ato sexual, serem acusadas de abuso sexual e processadas por crime contra honra e dignidade? Independente do viés ou da veracidade questionável que um discurso midiático possa apresentar, o relato jornalístico expõe por si só uma visão dominante da relação sexual como uma relação de

dominação, construída através de princípios de divisão fundamental entre o masculino ativo e o feminino passivo.

Segundo Bourdieu, a construção simbólica dos gêneros não se reduz a uma operação estritamente performativa de nominação que orienta e estrutura as representações que começam pelo corpo (ainda que apenas como representação não signifiquem nada): ela se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos e das formas de pensamento, dos desejos, dos sentimentos e das subjetividades em jogo, em um trabalho de construção prática que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos dos corpos, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo o que possa aniquilar a própria concepção de gênero.

Devir-mulher, devir-minoritário, linhas de fuga

Se a constituição do campo social e os mecanismos de produção de desejo não são processos abstratos separados que se articulam pela mediação simbólica, mas sim constituem um só processo material de produção, como escapar das estruturas sociais de dominação para agenciar novos desejos, novas subjetividades, outras formas de pensar e sentir a vida?

Segundo Guattari (1981), estamos inconscientemente equipados para compactuar com as formações dominantes, exercendo papéis sociais pré-estabelecidos e adaptando-nos a eles como se fossem finalidades universais. A forma de fazer o inconsciente sair desse automatismo requer uma intervenção de desvio, provocada por um solavanco, que permite ao desejo se exprimir no campo social. Ou seja, ao invés de reduzi-lo a complexos universais, termina por abri-lo para novas vias: agenciando relações econômicas e sociais, agenciando pessoas e funções, possibilitando linhas de fuga e variações. Este “novo” inconsciente se chama “inconsciente maquínico”, pois produz máquinas de desejo articuladas com o exterior de uma outra forma. Trata-se de uma individuação sem sujeito, em constante dinamismo, atravessada por fluxos semióticos e intensivos, que são a materialidade própria do desejo.

Esse tipo de operação acontece em um nível molecular, no qual se renuncia às oposições entres os gêneros, às grandes máquinas duais, a todas as binarizações de valores (rico/pobre, forte/fraco, útil/inútil, limpo/sujo, baixo/alto, etc.); nível onde se constrói outro modo de vida, próprio e singular. Para isso, modifica-se a relação com o próprio corpo, cria-se uma nova percepção das coisas, uma nova sensibilidade e uma nova afectibilidade. É a questão do corpo que se coloca como prioritária, porque é sobre ele, conforme Deleuze & Guattari (1980), que incide tanto a fabricação de organismos e organizações que se opõem como também o próprio desvio. Portanto, se as formações de poder dominantes e repressivas operam estratificações de papéis, hierarquização da sociedade e codificação dos

³ Aplicativo de troca de mensagens entre celulares que usam conexão via Internet.

⁴ Fonte: G1. Jovem nega estupro e polícia vai apurar divulgação de fotos de sexo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/04/jovem-nega-estupro-e-policia-vai-apurar-divulgacao-de-fotos-de-sexo.html>. Publicado em 04 de abril de 2014. Acesso em: 10 de abr. 2014.

destinos, é a partir do corpo que se pode desnaturalizar esta cultura para criar linhas de fuga.

Quando tratamos do corpo no nível social, a libido está tomada por dois sistemas de oposição: classe e sexo. Mas no nível do corpo sexuado, a libido está investida mais livremente. É neste plano que reside a possibilidade produzir micro-revoluções, revoluções moleculares. Devir, para Deleuze & Guattari (2008), não é transformar-se em, imitar ou se identificar. Refere-se antes a variações intensivas de movimento e repouso, velocidade e lentidão. Ou seja, o devir é, ao mesmo tempo, rápido e lento demais para a percepção porque excede suas categorias. Devir são acelerações e desacelerações, intensificações e relaxamentos de graus de intensidade, captados através da percepção por zonas de vizinhança que delineiam esquemas de composição (contrário à percepção por códigos e classificações que esboçam esquemas de representação).

Portanto, o devir-mulher não é um recorte ou uma cópia de formas determinadas dos conjuntos molares. Não nos tornamos “como” uma mulher, uma criança ou um animal. Todo devir nunca é devir alguma coisa exterior e pré-estabelecida, conformar-se a um modelo ou fazer algo proporcional a ele. Devimos outra coisa quando uma nova forma de sentir, de experimentar e de viver se envolve na nossa, assombrando-a e fazendo-a fugir. Algo se modifica de maneira sutil no encontro de dois termos heterogêneos que se desterritorializam mutuamente.

Em Mil Platôs, Deleuze & Guattari (2008: 70) apontam que “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher”. Ele é a abertura e a chave para os outros devires (criança, animal, vegetal, mineral, imperceptível) porque é o que está mais próximo do binarismo do poder fálico. Guattari (1981) é claro: a ordem social é, em primeiro lugar, fundada pela oposição homem/mulher. Só depois desta vêm as oposições de classe, de casta, de raça, de nacionalidade, de idade, etc. Portanto, qualquer movimento para fora das estruturas sociais de dominação deve começar pela sexualidade, pela saída do enquadramento dos gêneros e da organização binária dos sexos enquanto motivação ético-política contra a dominação. Ou seja, a questão que se coloca é micropolítica. A saída dos dualismos e das segmentaridades - quaisquer que sejam eles - passa por uma ruptura da sexualização para então alcançar outras rupturas.

Tais oposições binárias referem-se simbolicamente a estratos sociais dominantes e dominados. Estes últimos são chamados de “minorias”. Entretanto, o conceito de minoria em Deleuze & Guattari não se define pelo pequeno número (este é um contrassenso que se deve evitar) e sim por sua distância em relação a tal ou qual traço da axiomática dominante. Os autores argumentam que qualquer devir já é minoritário, pois devir é extrair, a partir do que existe, as “partículas” que possuem relações “próximas” de fluxos ou de zonas que escapam aos polos duais, que fogem aos termos implicados.

Uma entidade molar (majoritária) é aquela que está presa nas máquinas binárias, nas divisões binárias das segmentaridades duras. O que Deleuze & Guattari (2008) chamam de entidade molar é a mulher tomada numa máquina dual na qual se opõe ao homem, estando determinada por seus órgãos ou funções e marcada como sujeito sob a lógica masculina. Mas o devir-mulher deve ser compreendido em função de outra coisa: nem imitar nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na zona de vizinhança de uma microfeminilidade. Isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular. Criar a mulher molecular em homens e mulheres.

Estas questões conectam-se ao que se pode chamar de “ética deleuziana”, que remete a uma problemática política e é qualificada por três virtudes: 1) devir-imperceptível: devir sem órgãos, alcançar o inorgânico, desestratificar-se não através da oposição a qualquer organização, mas sim quando se apreende que toda ordem é produzida; 2) devir-indiscernível: devir a-significante, descodificar-se não mediante a oposição a todo código, mas sim através da dimensão em que se produz um sentido singular; e 3) devir-impessoal: devir a-subjetivo, desterritorializante, não a partir da oposição a qualquer sujeição, mas sim por meio de uma ligadura capaz de nos atar a uma mudança, a um fluxo de variação (MENGUE, 2008).

Portanto, a partir do conceito de devir - imperceptível, indiscernível e impessoal - Deleuze & Guattari propõem a noção de devir-mulher como chave para a transformação do que somos, enquanto devir-revolucionário, e para a criação de novos modos de existência. Os autores argumentam que a noção de “ser humano homem macho heterossexual branco adulto” é o ponto focal que estrutura o pensamento ocidental, que é excludente e repressivo em vários níveis: no nível sócio-político, no individual e no sub-individual. E libertar-se da ordem dominante é a grande motivação ético-política que pode desencadear movimentos para além destas estruturas. Entretanto, Deleuze & Guattari (2008) argumentam que este movimento só começa se conseguimos escapar das identidades subjetivas de gênero devido ao papel central das diferenças sexuais na constituição do pensamento dominante. Ou seja, a desigualdade entre homens e mulheres é um aspecto importante que alimenta nossos pensamentos e modos de vida opressivos.

Por um lado, os homens (no sentido de representação ou codificação “molar”) estão em uma posição privilegiada na sociedade ocidental e, de fato, em quase todas as sociedades contemporâneas enquanto poder simbólico dominante. Por outro, na perspectiva de Deleuze & Guattari (2008), as mulheres enquanto “devir-minoritário” apresentam condições de possibilidade para transformações genuínas na medida em que possuem uma subjetividade mais fluida, que não constitui o polo central de poder. Desse modo, enquanto “minorias” as mulheres são forçadas a encontrar caminhos alternativos

para a vida potente e o prazer. O corpo feminino é forçado a se desterritorializar e criar novas relações com pessoas, instituições e acontecimentos para não reproduzir a estrutura de gênero.

Entretanto, é preciso chamar atenção para o fato de que, de acordo com Deleuze & Guattari, o gênero não se refere a algo que é construído apenas no campo social. Os autores apresentam uma alegação muito mais forte: o gênero é uma codificação do corpo e do desejo. “A questão não é, ou não é apenas, a do organismo, da história e do sujeito de enunciação que opõem o masculino e o feminino nas grandes máquinas duais. A questão é primeiro a do corpo – o corpo que nos roubam para fabricar organismos oponíveis” (grifo dos autores) (DELEUZE & GUATTARI, 2008: 69).

Deleuze & Guattari complementam os argumentos de Bourdieu na medida em que questionam que se a subjetividade de gênero fosse somente uma construção social, as mudanças na relação entre os sexos poderiam ocorrer através da modificação de seus traços e determinantes no nível molar - por exemplo, suas representações, papéis e estereótipos. Entretanto, para Deleuze & Guattari, uma mudança real é uma mudança de superfície, de território, ou seja, uma mudança no movimento do desejo que significa uma mudança no corpo, lugar de consolidação do desejo. O momento transformador ou revolucionário ocorre quando há uma desterritorialização do desejo. Entretanto, cabe refletir que não há garantias: uma desterritorialização não necessariamente nos levará a novas conexões e transmutações.

Considerações finais

A naturalização de uma construção social androcêntrica de significação, sentido e valor nos conduz à associação das condições anatômicas às condições subjetivas, na qual a percepção das diferenças entre o corpo feminino e o masculino constitui e é constituída a partir dos mesmos princípios de dominação simbólica. Neste aspecto, o pensamento naturalista, biologista e essencialista opera, por oposições dicotômicas, um sistema binário hierarquizante no qual a diferença só pode ser do “visível” e do “enunciável”, perdendo sua positividade enquanto diferença que só pode ser pensada pelo valor negativo do Uno. Significa dizer que o naturalismo, o biologismo e o essencialismo denegam processos singulares em prol da invenção de categorias lógicas e mentais de identidade abstrata e universal que constituem os gêneros sexuais.

Portanto, a oposição identitária entre os gêneros se inscreve na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas cognitivas, porém se baseia em um terceiro elemento: na diferença arbitrária do corpo biológico masculino e feminino, com seus usos e funções. Tais critérios de classificação binária instituem um fundamento aparentemente natural para duas

representações sociais fixas do sexo, da sexualidade e da subjetividade – “homem viril” e “mulher feminina” – que se estabelecem como se fossem duas “essências” sociais (hierarquizadas).

Todavia, segundo Bourdieu (2007), os efeitos colaterais da dominação masculina se exercem tanto sobre homens como mulheres. Ao colocá-los em foco, o autor mostra que o esforço de liberar as mulheres da dominação, isto é, das estruturas objetivas e incorporadas que se lhes são impostas, não pode se dar sem um empenho paralelo para liberar os homens dessas mesmas estruturas que fazem com que eles contribuam para impô-la.

Apesar de ser o ambiente doméstico um dos lugares mais óbvios e indiscutíveis de manifestação da dominação masculina, Bourdieu (2007) argumenta que o princípio de perpetuação das relações de força materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora, em instâncias sociais como a Igreja, a Escola, a Mídia, o Estado e em suas ações propriamente políticas, declaradas ou escondidas, oficiais ou oficiosas.

Para Bourdieu, o movimento feminista contribuiu muito para a ampliação das reflexões em torno das problemáticas do gênero, fazendo entrar na esfera pública objetos e preocupações afastados ou ignorados pela tradição política por parecerem pertencer à ordem do privado. Porém, o autor reforça que não se deve deixar excluir as lutas em instâncias e instituições que, com suas ações “eufemizadas”, contribuem fortemente para a perpetuação das relações sociais de dominação entre os sexos. Para o autor, a ação política deve levar em conta todos os efeitos de dominação que se exerce através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas e as estruturas das grandes instituições, superfície na qual se realizam e se (re)produzem não só a ordem masculina, mas todo tipo de ordem social.

Diante desta questão, Deleuze & Guattari podem contribuir para a reflexão sobre a “sexualização da subjetividade” e suas lógicas opressivas na medida em que articulam uma teoria filosófica preocupada em pensar como as mudanças ocorrem - tanto no nível microscópico e sub-individual como as transformações históricas e sociais - e o fazem a partir do conceito de devir. É neste sentido que o devir-mulher está relacionado com o devir-molecular. Para os autores, todo devir é molecular. E se o molar designa formas identificáveis e identitárias de pessoas ou coisas, o molecular designa partículas que escapam à sedimentação de tais estruturas ou de qualquer representação de sujeito. Logo, somente o molecular pode romper, criar rachaduras e aberturas em qualquer identidade molar. Entretanto, o devir-molecular pode e tende a se tornar molar a partir da codificação e segmentarização das linhas do desejo, e por isso, o molar e o molecular são inseparáveis.

A questão que se coloca neste artigo é como o devir-mulher pode superar as estruturas de gênero, que constituem a base do pensamento e da subjetividade dominante, enquanto “a chave para outros devires” (DELEUZE & GUATTARI, 2008) que poderiam fazer surgir revoluções

sociais e estéticas nos corpos, nas sexualidades vividas, na percepção do mundo, nas formas de inter-subjetivação e no porvir.

O feminino é socialmente construído como o não-masculino. Mas isto não implica em sua inexistência na medida em que o feminino se reterritorializa, ou seja, é marcado por rígidas características de oposição. Neste sentido, Louise Burchill (2010: 90-91) argumenta que a insistência na subversão das características femininas “molares” não leva a qualquer transformação subjetiva e não pode produzir o novo.

As mutações profundas não resultam de uma escolha voluntária, pois esta só pode vir de um sujeito molar. As mudanças ocorrem quando são forçadas a acontecer, e por isso a ênfase de Deleuze & Guattari (2008) na experimentação. Nosso argumento, em consonância com os autores, é que a saída da estrutura do gênero no qual as mulheres são iniciadas não ocorre por motivos e questões que elas conscientemente optam por enfrentar, mas somente através daquilo que elas são forçadas a experimentar.

A transformação de um determinado estado de coisas não pode ser alcançada enquanto finalidade. Significa dizer que a libertação das mulheres no nível molar não pode ser o fim prático da experimentação se o objetivo for manter a sua identidade de gênero feminino. Isto não significa, como afirmam claramente Deleuze & Guattari (2008), que uma política molar não seja necessária. É importante que as mulheres lutem pela igualdade de direitos, por exemplo. No entanto, a realização destes objetivos não será verdadeiramente revolucionária porque não irá alterar a estrutura fundamental do gênero. É um tipo de concessão e não uma transformação real, correndo o risco de consolidar ainda mais a divisão sexual enquanto sistema binário hierarquizante, cujas categorias terminam por reforçar as representações sociais fixas do sexo, da sexualidade e da subjetividade.

Se, segundo os autores, “a sexualidade passa pelo devir-mulher do homem e pelo devir-animal do humano” (DELEUZE & GUATTARI, 2008: 72), a disparidade entre homens e mulheres só pode ser efetivamente superada por uma mudança na própria forma como a nossa existência se encontra estruturada e vice-versa. Portanto, a superação da subjetividade de gênero significa necessariamente uma transformação das sensibilidades, das relações e dos afetos. Ou seja, a desarticulação da reprodução do simbolismo que estrutura a dominação masculina a partir da noção de gênero – baseada na discussão em torno do corpo anatômico como exemplifica Bourdieu - pode constituir uma chave para fazer emergir aquilo que Deleuze & Guattari denominam devir-mulher, algo que coloca em questão o masculino como medida, mas que pode implicar ainda uma crítica a todas as medidas e padrões simbólicos presentes na sociedade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 5a ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, ([1998] 2007)

_____. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, ([1989] 2007).

_____. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

_____.; PASSERON, Jean-Claude. Sociología y Filosofía en Francia desde 1945: muerte y resurrección de la filosofía sin sujeto. In PESTAÑA, José Luis Moreno e GARCÍA, Francisco Vázquez (Eds). Pierre Bourdieu y la Filosofía. Madrid: Montesinos, 2006 .

BRAIDOTTI, Rosi. Metamorphoses: Towards a Materialist Theory of Becoming. Cambridge: Polity, 2002.

BUCHANAN, Ian; COLEBROOK, Claire. Deleuze and Feminist Theory. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

BURCHILL, Louise. (2010). Becoming-Woman: A Metamorphosis in the Present Relegating Repetition of Gendered Time to the Past. *Time & Society* 19 (1), p. 81-97.

BUTLER, Judith. The psychic life of power. Stanford, California: Stanford University Press, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, ([1980] 2008).

_____.; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Tradução de Luiz. B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, ([1972] 2010).

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (2000). Historia de las mujeres: 5. el siglo XX. Madrid: Santillana.

FERNÁNDEZ, Ana María. La mujer de la ilusión: pactos y contratos entre hombres y mujeres. Buenos Aires: Paidós, 2014.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GUATTARI, Félix. ([1987] 1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora Bralisiense.

_____. *Líneas de fuga: por outro mundo de posibles*. Tradução Pablo Ires. Buenos Aires: Cactus, 2013.

KLOSSOWSKI, Pierre. *La révocation de l'édit de Nantes*. Paris: Éditions de Minuit, 1959.

_____. *Sade et Fourier*. Paris: Fata Margana, 1974.

LIPOVETSKY, Gilles. *La tercera mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1974.

MACKINNON, Catharine A. *Feminism unmodified: discourses on life and law*. Cambridge (Massachusetts) e Londres: Harvard University Press, 1987.

MENGUE, Philippe. *Deleuze o el sistema de lo multiple*. Tradução Julián Manuel Fava e Luciana Tixi. Buenos Aires: La Cuarenta, ([1994] 2008).

PAGLIA, Camille. *Vamps & Tramps: new essays*. New York: Vintage Books, 1994.

PATTON, Paul. *Events, Becoming and History*. In: *Deleuze and History*, editado por Jeffrey Bell & Claire Colebrook, p. 33-53. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

Recebido em 10/03/2015 e aceito em 15/06/2015